



Esclarecer os nossos amigos para multiplicarem solidariedade

● **Alocução do Ministro dos Negócios Estrangeiros**

Por ocasião da abertura da Semana da Solidariedade, o Secretário das Relações Exteriores do Partido Frelimo e Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, proferiu uma alocução que constitui um historial da solidariedade recebida e praticada pela FRELIMO desde a sua fundação. É esse documento que a seguir publicamos na íntegra com excepção apenas da sua introdução.

«As dificuldades que sentimos ontem pesam ainda sobre nós porque não tivemos ainda ocasião de criar as condições que permitam por nós próprios levarmos avante esta luta que nos é imposta, sem esta solidariedade» — Joaquim Chissano, Ministro dos Negócios Estrangeiros



A FRELIMO mereceu desde o início, o apoio e solidariedade dos outros movimentos de libertação já existentes na África. Encontramos uma retaguarda segura para a nossa luta de libertação nacional. Foi assim que nos encontramos no Taganyica, (mais tarde Tanzania), na Zâmbia, no Malawi organizando, mobilizando, treinando.

Hoje, lembramo-nos desse acto de solidariedade desses Povos irmãos de África. A criação da Organização de Unidade Africana, a 25 de Maio de 1963, foi o acto mais alto de solidariedade dos países africanos entre si e foi a maior expressão de solidariedade para com os Povos que lutam contra o colonialismo, o racismo, o «apartheid».

Foi a expressão mais alta da vontade de defender a dignidade do homem africano. O lema que moveu os homens africanos a unirem-se numa organização continental foi, sobretudo, o da libertação. O da libertação política e económica; o da libertação cultural, o da libertação social.

Este lema está ainda hoje em vigor. Está vivo. É por

isso que a Frente de Libertação de Moçambique sentiu um grande orgulho, um grande júbilo quando se criou esta organização continental, a Organização de Unidade Africana.

O Comité de Libertação, esse banco de sangue, criado na mesma altura (1963) foi um instrumento importante através do qual se exprimiu a solidariedade dos países africanos já independentes e contribuiu significativamente para o avanço da nossa luta.

A OUA desempenhou um papel fundamental no apoio diplomático para fazer conhecer internacionalmente a justeza da luta do Povo moçambicano e para o reconhecimento político e jurídico da FRELIMO, como seu legítimo representante.

Com o início da luta a 25 de Setembro de 1964, iniciámos uma nova fase da luta e foram surgindo novas necessidades. Começámos então a receber uma assistência material directa dos países amigos, através das organizações populares, dos comités de

solidariedade e de grupos, através de Governos ou Partidos amigos.

Foi decisiva a solidariedade militante expressa pelos países da Europa Socialista, da Ásia Socialista, enfim, dos países socialistas. Foi preponderante a acção dos comités de solidariedade para com os Povos de África e da Ásia e da própria Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia e África, a OSPAA, que divulgaram a nossa luta, ampliaram no seio das massas populares, o apoio material para a nossa luta armada de libertação nacional.

Nos países ocidentais foram activos os grupos de apoio e solidariedade que, desassociando-se da política dos seus governos, desencadearam acções com vista ao isolamento do Governo colonial português. Desde o início da nossa luta, fomos acolhidos no seio de organizações internacionais como a OSPAA, que é a organização de solidariedade dos Povos de África, Ásia e América-Latina.

No Conselho Mundial da Paz, na Tricontinental, no Movimento da Juventude Democrática e na Federação Democrática Internacional das Mulheres e em mais outras organizações que foram instrumento poderoso na mobilização da opinião pública internacional e na organização de apoio político, material e moral à nossa luta.

Foi graças ao apoio material e financeiro da Comunidade Internacional que nas duras condições da luta se iniciou a edificação duma nova vida.

O material e equipamento escolar que nos permitiu combater e que nos permitiu educar os nossos filhos para o futuro da vida do nosso País, a alimentação das nossas crianças, dos nossos combatentes e do Povo em geral nas Zonas Libertadas. O vestuário, o equipamento agrícola que utilizámos nas Zonas Libertadas foram recebidos graças a esse apoio material e financeiro da comunidade internacional. Os nossos combatentes, as nossas crianças nas escolas, os camponeses nas cooperativas agrícolas que nasceram então, receberam tratamentos médicos graças à ajuda dos Povos de todo o Mundo, que nos mandavam medicamentos.

Dos países socialistas vieram as armas e munições produzidas com o suor dos mesmos Povos. Foi graças a essas armas que as gloriosas Forças Populares de Libertação de Moçambique liquidaram o inimigo e libertaram a Pátria moçambicana.

Foi nos países socialistas e nos países africanos que os combatentes moçambicanos aprenderam a manejar as suas armas que, apontadas para o inimigo colonialista, nos trouxeram a liberdade que hoje celebramos. Foram esses combatentes que se multiplicaram até hoje, que garantiram a nossa liberdade durante os 10 anos que hoje celebramos.

Hoje, no nosso País, não é difícil encontrar nas escolas, quadros militares que são o que são graças ao apoio solidário que nos foi dado pelos países socialistas através das bolsas de estudo que deram nas universidades, nas escolas médias e nos seus institutos.

Sentimos grande solidariedade dos Povos através das visitas que os nossos amigos efectuaram às nossas Zonas Libertadas, trazendo o calor da solidariedade dos Povos, sem temer as bombas do «Napalm» que caíam dos aviões criminosos dos nossos inimigos.

Deram-nos este apoio moral para conhecerem de perto e para melhor dizerem que a luta que travávamos era também a sua luta.

A actividade dos comités de solidariedade dos países ocidentais foi muito importante para o isolamento do regime português.

Os comités mobilizaram uma parte considerável da população da Europa Ocidental para pressionarem os seus governos a deixarem de manter relações económicas e comerciais com o regime colonial.

A realização da Conferência Internacional de Roma, em apoio à luta dos Povos de Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde, com uma longa participação e representatividade, seguida da audiência que o Papa Paulo VI concedeu aos dirigentes da FRELIMO, do MPLA e do PAIGC foi um factor mobilizador da opinião pública internacional.

Os actos de solidariedade vindos de países cujos Governos eram aliados do regime português, animaram o Povo e fortaleceram a nossa revolução.

É de salientar em particular a acção desenvolvida pela MAGIC que na Inglaterra teve um papel importante na divulgação da nossa luta. É memorável o acontecimento de Londres de 1973 quando da visita do Chefe do Governo colonial-fascista Marcelo Caetano, quando milhares de londrinos marcharam pelas ruas expressando a sua repulsa por essa visita.

De igual maneira, é de salientar o papel preponderante de divulgação da nossa luta, feita pelo Comité «Angola» da Holanda, pela dimensão política que assumiram os seus trabalhos.

É de salientar que das Organizações Democráticas Italianas chegaram-nos periodicamente notícias de manifestações populares de apoio à nossa luta. Dezenas de combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique feridos pela guerra colonial, foram curados no Hospital de Reggio Emilia.

Dos grupos de solidariedade de todos os Países Nórdicos, chegaram-nos o vestuário para as nossas Zonas Libertadas não só para as nossas escolas, mas também para a população em geral.

Eram mantas, eram colchas, eram casacos, eram camisas, eram sapatos recolhidos da população em segunda mão mas muitas vezes quase em estado novo e muitas outras mesmo em estado novo.

Eram ofertas de indivíduos. Isso foi feito nos Países Escandinavos; foi feito nos Estados Unidos da América, onde também se realizaram marchas nas estradas de Washington protestando contra a guerra colonial.

Chegaram-nos actos semelhantes de solidariedade do Japão, onde os comités anti-«apartheid» divulgaram a nossa luta e a luta dos Povos da África Austral em geral.

De toda a parte recebíamos notícias de iniciativas populares para a recolha de fundos para adquirir o lápis, o caderno, o quadro e outro material e equipamento escolar e em Tunduru ou em Bogamoyo, na nossa escola primária, no nosso infantário, no Centro de Recuperação dos Mutilados de Guerra, na nossa escola secundária na Tanzania e nas Zonas Libertadas de Cabo Delgado onde havia escolas e centros infantis, no Niassa Oriental, educámos a juventude para o futuro livre do nosso País.

Foi com o apoio financeiro destes grupos que na floresta de Cabo Delgado e Niassa, erguemos tais infantários e erguemos os hospitais.

Caros amigos,

Ao celebrarmos o 10.º aniversário da Independência nós vemos os resultados dos nossos esforços, a liberdade do Povo moçambicano. Nós vemos o melhoramento da vida do Povo moçambicano. Porém, estamos conscientes que a vida do nosso Povo estaria 10 vezes melhor do que é hoje se não fosse esta continuação da mesma luta de libertação contra os mesmos inimigos que se opunham à nossa liberdade. Por isso tudo, o que nós recapitulámos, aqui eram actos de solidariedade dos Povos amigos, dos Povos amantes da paz e da liberdade, é aplicável à nossa luta de hoje.

Nós estamos travando uma guerra que necessita exactamente do mesmo tipo de solidariedade. Não importa que sejamos um Estado soberano.

As dificuldades que sentimos ontem pesam ainda sobre nós porque não tivemos ainda ocasião de criar as condições que permitam por nós próprios levarmos avante esta luta que nos é imposta, sem esta solidariedade.

Temos sentido manifestações de solidariedade. Mas temos que continuar a esclarecer os nossos amigos da necessidade de multiplicar a solidariedade porque a população sofre do terrorismo do nosso inimigo que é representado pelos bandidos armados. A população necessita de medicamentos, de roupa e de sabão.

E não é só em apoio da luta que necessitamos dessa solidariedade. Mas, pensamos nós, que a Comunidade Internacional está a seguir de perto as calamidades naturais.

Devem-se lembrar que os bandidos armados constituem a quarta calamidade e a mais perigosa, que mata a sangue-frio, que queima pessoas vivas em machimbombos ou nas palhotas.

Isto tudo deve ser denunciado, deve ser discutido durante esta Semana de Solidariedade. E uma acção consequente deve ser empreendida no futuro.

Desafiando a morte, grupos de jornalistas, cineastas, e fotógrafos vindos de diferentes partes do Mundo, organizaram-se para visitar diferentes Zonas de Combate e Zonas Libertadas, para que se reflecta a realidade do nosso País, que muitas vezes é deturpada pela desinformação imperialista.

Para todos os que de diferentes formas contribuíram para o avanço vitorioso da nossa luta, para todos os que ontem como hoje marcham connosco nos momentos difíceis, queremos mais uma vez agradecer este espírito de amizade e solidariedade que tornou possível a nossa vitória.

Ao exaltarmos todos estes factos da história da nossa luta, gostaríamos de recordar que a FRELIMO definiu sempre a solidariedade como uma ajuda mútua entre forças que lutam pelos mesmos objectivos.

Desde cedo, a Frente de Libertação de Moçambique compreendeu que a nossa luta por uma sociedade mais justa, por uma sociedade livre, de democracia, passa por uma conjugação de esforços

com Povos que lutavam pelos mesmos objectivos.

Compreendemos desde logo que não havia luta do Povo moçambicano sem a luta do Povo de Angola, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que lutavam contra o colonialismo português. É assim que na aurora do nacionalismo a solidariedade surge em todas as colónias portuguesas e por isso nós estamos presentes na fundação da CONCP (Conferência de Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas).

Desde muito cedo, compreendemos que não poderia haver a luta de libertação de Moçambique sem a luta de libertação do Povo do Zimbabwe, da Namíbia e da África do Sul. É por isso que desde logo, a nossa cooperação e solidariedade militantes foram evidentes, activas, dinâmicas para com o Povo irmão do Zimbabwe, representado pelo seu Movimento de Libertação, a ZAPU e a ZANU, naquele tempo, e que continua até aos nossos dias. Na África do Sul, representado pelo Movimento de Libertação que une todo o Povo sul-africano, o Congresso Nacional Africano (ANC); na Namíbia, onde a SWAPO congrega todo o Povo namíbio na luta pela sua independência, contra o racismo e o «apartheid».

Esta nossa solidariedade não é uma solidariedade intelectual. Não é uma solidariedade para com o Povo da Namíbia ou da África do Sul por mero sentimento de compreensão ideológica. Esta solidariedade é a da carne que está em volta da ferida. Foi um amigo tanzaniano que nos fez notar esta ferida que vos vou dizer: Quando marchávamos em Cabo Delgado, nas Zonas Libertadas, ele viu o nosso «-vontade. Viu-nos a lutar quase que tranquilamente e ele disse: «Eu compreendo que vocês sofrem muito, mas parece que não sentem. Quem sente muito somos nós, porque somos a carne que está em volta da ferida».

Nós, aqui na República Popular de Moçambique, também sentimos como a carne que está em volta da ferida o sofrimento do Povo sul-africano, onde o país do «apartheid» se concentra. Nós somos a carne em volta dessa ferida.

Devemos multiplicar todas as formas de solidariedade ao nosso alcance para com o Povo da Namíbia e da África do Sul, para com a SWAPO e para com o ANC.

No Dia da África, reflectiremos sobre o problema do «apartheid», que é um cancro que deve ser extirpado. O «apartheid» é o responsável pela colonização da Namíbia, é o responsável pelos sofrimentos que nós passamos aqui, com os bandidos armados.

Devemos, a todos os níveis da nossa sociedade, lembrarmos que uma das razões do nosso sofrimento é a existência do «apartheid».

O «apartheid» na África do Sul, o colonialismo na Namíbia, a hegemonia económica e militar da África do Sul, são os obstáculos reais ao sucesso da nossa luta.

Sem o reconhecimento dos direitos e liberdade do Povo da África do Sul, sem a independência da Namíbia, não é possível alcançar uma paz justa e duradoura, tão necessária ao desenvolvimento dos nossos países.

O Povo moçambicano assumiu como sua a luta do

Povo sul-africano, pela igualdade humana, pela independência da Namíbia.

A nossa solidariedade estende-se de forma consciente à luta do Povo do Sahara e de Timor Oriental, e do Povo palestino, cujos direitos a uma Pátria livre e independente continuam a ser negados.

Pela natureza da nossa luta, a solidariedade do Povo moçambicano não se manifesta apenas no apoio aos movimentos de libertação. Ela manifesta-se também no apoio à causa de libertação de todos os povos oprimidos, bem como a todas as forças democráticas que lutam contra o imperialismo e o neocolonialismo.

Somos solidários com os povos que lutam pela sua libertação, que se defendem do imperialismo e das forças reacçãoárias.

Por isso, é firme e inabalável a solidariedade do nosso Povo com os povos da América Central e das Caraíbas, que se têm confrontado com conflitos e acções de intervenção do imperialismo.

Esta mesma solidariedade estende-se ao Povo coreano e à sua justa aspiração de reunificação da Pátria.

Enraizado no Povo moçambicano, que conhece a guerra, este movimento de solidariedade reflecte o seu profundo amor à paz, tão necessária para o desenvolvimento económico da Humanidade.

É neste contexto que somos lutadores intransigentes e consequentes pelo desarmamento geral e completo que conduzirá à paz e segurança mundiais.

Solidarizamo-nos, pois, com todas as forças que lutam contra a escalada armamentista, pela diminuição das forças de tensão, pelo alargamento das zonas desmilitarizadas e desnuclearizadas.

Conscientes do perigo que ameaça a humanidade, somos solidários com todas as iniciativas de fazer do desenvolvimento o aspecto principal das relações internacionais; de fazer com que o desenvolvimento seja um aspecto progressivo e não regressivo, seja universal e não localizado.

(...) A vitória da nossa luta consagrou as ideias de solidariedade de todos os povos do Mundo que connosco se bateram para que a democracia e autodeterminação se tornassem realidade.

Assim, a 25 de Junho de 1975, todos os povos celebraram com o Povo moçambicano a Independência Nacional, pela qual muitos patriotas lutaram e morreram, para que esta Pátria se libertasse das amarras da opressão, da discriminação racial que o colonialismo nos impunha.

Com a conquista da Independência Nacional, iniciou-se a construção de uma sociedade livre, sem exploração do homem pelo homem, de democracia e paz. As heranças que nos foram deixadas pelo colonialismo e a conjuntura geopolítica em que se encontra o nosso País, constituem sérios obstáculos à batalha da reconstrução nacional.

Esta realidade tornou claro que a luta pela sociedade nova é indissociável da solidariedade e internacionalismo.

A solidariedade faz-se sentir em todas as frentes; na reconstrução nacional e no desenvolvimento; a solidariedade assumiu uma dimensão mais ampla, caracterizando-se pelo apoio e cooperação pelo

desenvolvimento económico e social. Esta solidariedade exprime-se na cooperação económica baseada nas vantagens mútuas, pela participação concreta em projectos que visam beneficiar e melhorar a vida do nosso povo e satisfazer as suas necessidades mais prementes.

A solidariedade faz-se sentir passo a passo, no dia-a-dia, na nossa vida.

Quando sofremos as calamidades naturais de vários tipos, de imediato recebemos apoio em bens e materiais de consumo para combatermos os efeitos negativos das intempéries que nos assolam e que criam efeitos negativos ao desenvolvimento.

A solidariedade não se resume apenas a este aspecto. Ela assume outro aspecto na luta contra os inimigos da República Popular de Moçambique. A conquista da Independência, a nova ordem económica que criámos, fizeram com que o imperialismo definisse uma estratégia visando a destruição do poder popular e da liberdade que construímos.

As agressões do regime racista de Ian Smith somaram-se agressões multiformes do regime racista de Pretória, instrumento do imperialismo na zona. A estratégia do imperialismo consiste na desestabilização contra Moçambique e outros países da zona, com o objectivo de manter e aprofundar uma dependência económica e sufocar a justa luta dos povos da África do Sul e da Namíbia pelas suas mais legítimas aspirações.

Na prossecução dos seus objectivos, a África do Sul recrutou, financiou e treinou os bandidos armados, como um prolongamento real do exército racista e que constitui seu instrumento principal de agressão contra a República Popular de Moçambique.

A acção criminosa dos bandidos armados, que se meiam a morte e destruição no seio das populações e destroem os seus bens, aprofundou mais a solidariedade dos povos para com a nossa luta e o nosso Povo.

Não esquecemos o papel desempenhado pelas igrejas dos diversos países, que fazem contribuições, fazendo-nos recordar que durante a Luta Armada de Libertação Nacional, o Conselho Mundial das Igrejas e outros, fizeram um trabalho de solidariedade política e material. Isto é um exemplo para todas as comunidades religiosas aqui em Moçambique assumirem esse valor nacional, patriótico e corresponderem aos esforços que ainda hoje são efectuados pelas comunidades religiosas do além-mar.

Os países e povos nossos amigos desencadearam denúncias de acções dos bandidos armados e desenvolveram formas concretas de apoio, para a luta contra os bandidos armados.

O processo de libertação do povo é irreversível. É através da solidariedade que os povos e todas as forças democráticas poderão encontrar o caminho para que as imensas riquezas do nosso Planeta sejam postas ao serviço do homem, ao serviço da felicidade e do desenvolvimento harmonioso de todos os povos.

Para terminar, queremos agradecer a todos aqueles que se juntaram a nós neste acto inicial da nossa Semana de Solidariedade. □